

V SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA UPE
UPE CAMPUS MATA NORTE – PERNAMBUCO
11 a 13 de junho de 2025

**A HISTORIOGRAFIA DOS QUILOMBOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOB A PERSPECTIVA
METODOLÓGICA DE AULA OFICINA.**

Autora: Suellen Castro da Silva ¹
Orientadora: Luiza Nascimento dos Reis²

Resumo

O presente resumo expandido aborda a proposta de uma sequência didática na educação básica voltada ao estudo da historiografia dos quilombos, buscando promover uma compreensão crítica sobre a resistência negra no período escravista brasileiro. Essa proposta é decorrente de uma atividade avaliativa vivenciada na disciplina “Metodologia do Ensino de História II”, a qual propôs a elaboração de um plano de aula utilizando a metodologia “Aula Oficina”, da historiadora Isabel Barca. O objetivo central é fomentar a construção de um debate amplo e reflexivo sobre os quilombos, por meio da análise de fontes diversas que propõem a desconstrução de narrativas eurocêntricas e utópicas sobre essa forma de resistência. Para isso, utiliza-se a metodologia de “Aula Oficina”, de Isabel Barca, que valoriza a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento, por meio de seu protagonismo na análise de fontes orais, escritas e imagéticas, além da elaboração coletiva de relatos escritos. Essa abordagem permite superar modelagens

¹ Universidade Federal de Pernambuco, discente da graduação em História - Licenciatura, suellen.castro@ufpe.br.

² Universidade Federal de Pernambuco, Professora Adjunta do Departamento de História, luiza.reis@ufpe.br.

tradicionais de ensino, que colocam os escravizados apenas em situações de opressão, oferecendo espaço para que os estudantes compreendam que essas pessoas não foram passivas ao regime escravocrata, mas resistiram de diversas formas. As atividades propostas estimulam os alunos a cruzar informações de diferentes fontes, refletir sobre os sentidos atribuídos aos quilombos ao longo do tempo e construir suas próprias interpretações históricas. Os resultados evidenciam que essa prática pedagógica contribui para ampliar a compreensão dos estudantes acerca do papel dos quilombos como espaços de resistência e luta pela liberdade. O trabalho surge da constatação de que a memória dos quilombos tem sido historicamente silenciada ou distorcida por narrativas hegemônicas que reproduzem o racismo estrutural e excluem a contribuição da resistência desses povos na formação da identidade brasileira.

Palavras-chave: Quilombo. Resistência. Educação.

Introdução

Nas últimas décadas, o debate sobre a equidade racial no Brasil tem se ampliado com o propósito de corrigir um processo histórico de silenciamento da memória e da contribuição africana e afro-brasileira. Esse apagamento foi sistematicamente manipulado para preservar os interesses hegemônicos que sustentam uma estrutura social pautada na perpetuação do racismo e da exclusão. Um exemplo emblemático dessa distorção histórica é a narrativa idealizada sobre o comportamento das pessoas africanas, indígenas e afro-brasileiras diante do regime escravista. As sociedades escravistas estabelecidas nas Américas foram profundamente atravessadas por manifestações de resistência por parte da população escravizada. Ao longo de toda a vigência do sistema escravista, senhores de escravos e autoridades políticas depararam-se, de forma recorrente, com estratégias de oposição ao regime. No caso brasileiro, essas formas de resistência se expressaram por meio de diferentes práticas cotidianas. Entre elas, destacam-se a desobediência persistente, a execução deliberadamente lenta das tarefas, atos de sabotagem na produção, as fugas, tanto individuais quanto coletivas para a formação de quilombos. Diversas motivações levavam os escravizados à essa

prática: punições físicas, jornadas extenuantes, dissolução de vínculos familiares e, sobretudo, o anseio pela liberdade constituíam os principais fatores impulsionadores dessas ações. Conforme Moura (1987), em determinadas situações, os escravizados ausentavam-se temporariamente com o intuito de pressionar os senhores a negociar condições mais favoráveis de trabalho, moradia e alimentação, exigir a substituição de feitores violentos, garantir a permanência de núcleos familiares em uma mesma propriedade, exigir o cumprimento de promessas previamente estabelecidas ou, ainda, pleitear a venda a outro proprietário. Com isso, pretendo, nesse contexto, propor uma sequência didática sobre a historiografia dos quilombos, que pode ser trabalhada na educação básica, por meio do referencial metodológico: a metodologia “Aula Oficina”, da historiadora Isabel Barca, enquanto os referenciais epistemológicos da historiografia fundamentam-se em Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Édison Carneiro, Beatriz Nascimento e Kabengele Munanga. Além de fontes históricas orais, escritas e imagéticas. A justificativa para essa iniciativa está alicerçada na necessidade de ampliar o currículo escolar com conteúdos que evidenciem a relevância histórica dos quilombos e sua importância na formação da sociedade brasileira. Além disso, reforça-se a importância de promover práticas pedagógicas que favoreçam a construção de uma consciência histórica e social mais crítica, pretende-se estimular o protagonismo dos estudantes por meio de dinâmicas de pesquisa, análise de fontes e produção de narrativas que valorizem a memória e a importância histórica dos quilombos.

Metodologia

A metodologia da "Aula Oficina" rompe com a lógica transmissiva da aula tradicional, inspirada nas ideias de Jörn Rüsen sobre consciência histórica, visa estimular nos estudantes a habilidade de compreender o passado a partir de diferentes perspectivas, relacionando-o com o presente e projetando reflexões para o futuro. Essa abordagem confere protagonismo ao aluno no processo de aprendizagem, tornando-o agente de seu próprio conhecimento. Ao mesmo tempo, o professor assume o papel de mediador do debate, posicionando-se como um

investigador social, empenhado em compreender os universos conceituais de seus alunos. Tal compreensão não deve ter como objetivo imediato a categorização das ideias dos estudantes em termos dicotômicos, como certo ou errado; ao contrário, essas ideias devem servir como subsídio para promover transformações significativas nas suas concepções históricas. Na aula-oficina, o professor também mobiliza os saberes prévios dos estudantes, selecionando fontes históricas diversas — como documentos escritos, músicas, filmes e obras literárias — e promovendo um espaço dialógico de inferência e reflexão. A proposta valoriza não apenas os conteúdos de primeira ordem (eventos e fatos), mas também os de segunda ordem (evidência, empatia, significância, narrativa, entre outros), os quais permitem aos alunos compreender o caráter construído, plural e interpretativo do conhecimento histórico.

“No modelo de aula-colóquio, o saber pode ser problematizado e compartilhado, mas a atenção continua a centrar-se na atividade do professor e nos seus materiais de apoio, mantendo-se na sombra o cuidado a ter com os idéias prévias dos alunos e conseqüentes tarefas cognitivas a desenvolver por estas aulas. O pressuposto de que o conhecimento deve ser construído na aula pelos alunos é afirmado como mera retórica, sem concretização nem fundamentação empírica e sistemática. Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.”

(BARCA, 2004, p.2)

Observa-se que o modelo em questão não se configura como um roteiro prescritivo e rígido, mas sim como um conjunto de fases compostas por tarefas de variados

níveis de complexidade. O propósito central dessa proposta de organização didática é promover a progressão no conhecimento histórico, integrando tanto os conteúdos substantivos específicos quanto, sobretudo, os conteúdos de segunda ordem. Estes últimos tornam-se evidentes na produção de narrativas históricas elaboradas pelos próprios estudantes, que representam o eixo articulador de todo o processo de ensino, desde a etapa de planejamento até a reflexão posterior à realização das aulas. A prática de “coleta de dados acerca das concepções dos estudantes”, no início e no término do processo de ensino-aprendizagem, revela a preocupação fundamental desse modelo pedagógico. Com isso, o processo de ensino e aprendizagem é ressignificado. Nesse contexto, a prática pedagógica do professor adquire maior complexidade e qualificação, uma vez que demanda domínio de metodologias específicas e fundamentação teórica consistente, com vistas à superação de abordagens meramente lineares e descritivas. Trata-se, portanto, de promover a construção ativa e significativa do conhecimento histórico no espaço escolar. Em consonância com os objetivos desta pesquisa, cabe esclarecer que não se trata da simples elaboração de planos de aula, mas de uma reflexão crítica acerca de estratégias didáticas potenciais para o trabalho com a historiografia dos quilombos, com ênfase em práticas que incentivem a pesquisa e a produção de narrativas históricas progressivamente mais elaboradas, mediadas por instrumentos historiográficos. Dessa forma, o conhecimento histórico pode ser apropriado pelos estudantes de modo a influenciar suas concepções e ações, contribuindo para a transformação do senso comum em senso crítico, baseado na elaboração de uma sequência didática de seis aulas, de cinquenta minutos, que foque na abordagem da historiografia dos quilombos.

Análise e discussão

1ª Aula: Introdução - Conhecendo a historiografia dos quilombos.

Sondagem: 20 minutos

Será realizada uma sondagem com os estudantes tendo como objetivo estimular a reflexão sem exigir conceitos muito complexos dando protagonismo e visibilidade para a consciencia história desses sujeitos exporem o que sabem sobre a

escravidão tendo algumas perguntas norteadoras:

- *O que é um quilombo?*
- *Onde e quando você acha que existiram essas organizações?*
- *Quem eram as pessoas que formavam os quilombos no Brasil?*

De acordo com as respostas dos estudantes, as palavras-chave serão anotadas no quadro. O objetivo é realizar uma análise comparativa entre as ideias iniciais dos alunos e as que surgirem após ouvirem a narrativa. Isso permitirá identificar se houve alguma mudança no entendimento deles sobre o tema.

Introdução + discussão 30 minutos:

O artigo “Origem e histórico do quilombo na África”, do professor Kabengele Munanga, trata das raízes dos quilombos na África e de como essa significação chegou ao Brasil. Também destaca que os quilombos não foram apenas locais de refúgio, mas também instituições transculturais que integraram diversas culturas africanas, além de elementos de resistência e luta por autonomia. Para esse momento, será repassado na aula um recorte deste texto para introduzir a origem do termo “quilombo” e como o mesmo chegou ao Brasil. A ideia é que os estudantes consigam associar as origens dos quilombos aos povos nativos da África e que sua chegada ao Brasil foi oriunda da migração forçada de africanos, decorrente do sistema escravocrata brasileiro. Após a leitura, promoveremos um breve debate para que os alunos reflitam sobre as informações apresentadas, estabelecendo conexões com o contexto histórico e suas repercussões na sociedade atual, com base nessas perguntas:

- *Quais foram as origens dos quilombos, segundo a narrativa?*
- *Como a concepção de quilombo chegou ao Brasil se o mesmo tem suas origens no continente africano?*
- *De que forma os efeitos da escravidão europeia impactaram a formação dos quilombos?*
- *O que mais chamou sua atenção na narrativa e por quê?*

O recorte sugerido é esse:

Fonte:

https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000070083p240100208040_cara_b85792d672bc3a.

Análise do Jornal Político Liberal “O Patriota” - 10 minutos

Em seguida, analisaremos mais uma fonte histórica escrita: um pequeno trecho do Jornal Político Liberal “O Patriota”, edição 1813. Observaremos e discutiremos as informações contidas no documento, como evidências de datas sobre a existência dos quilombos, quem eram os povos que habitavam os quilombos, de acordo com esse registro histórico, assim como, a região em que é evidenciado a existência do quilombo. Essa análise nos ajudará a entender as características estruturais e organizacionais dos quilombos. Para estimular a reflexão o professor poderá questionar aos estudantes:

- *Quais características dos quilombos são evidenciados no documento?*

Figura 2: Edição do jornal O Patriota - 1813/1814

Cinco leguas antes de chegar às Torres, entra na margem Oriental do Guaporé, o rio Quariteré, ou Piolho, que tomou este nome de hum grande Quilombo de escravos fugidos assim chamado, que Luiz Pinto de Souza Coutinho mandou destruir no tempo do seu governo, aprehendendo-se então muitos escravos. A mesma diligencia se repetiu em 1795, governando João de Albuquerque, por constatar que o resto daquelle Quilombo se havia alli novamente estabelecido; e com effeito se acharam 54 pessoas, que vierão para Villa Bella; isto he 6 negros já muito velhos, que servirão de Patriarchas deste escondido povo; 8 Indios, e 19 Indias, sendo destes 27 individuos, 10 nascidos naquelle Quilombo, de idade de 3 até 15 annos; e 21 robustos caborés, 10 rapazes, e 11 femeas, de idade de 2 até 16 annos, filhos daquelles, e de outros já fallecidos negros, e de Indias. E como

Fonte:

https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000070083p240100208040_cara_b85792d672bc3a.

Análise do trecho de Abdias do Nascimento - 10 minutos

Para explicar aos estudantes que o quilombo foi uma forma de resistência negra frente ao regime escravocrata, será reproduzido um fragmento do livro “O Quilombismo” de Abdias do Nascimento. Essa análise nos ajudará a entender que apesar do escravizado estar em desvantagem no sistema da escravidão, ocorreram diversos processos de resistência dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas escravizados, uma delas foram as fugas com a formação dos quilombos. Uma vez que, muitas vezes, a narrativa histórica foca apenas na opressão, sem dar a devida atenção às diversas formas de resistência que os escravizados desenvolveram, é importante enfatizar isso aos estudantes. Para nortear a discussão, o professor pode realizar o seguinte questionamento:

- *De que forma o quilombo tem significado de resistência negra frente ao regime escravista?*

Trecho sugerido:

“Desde o século XVI, os escravos agrícolas, em sua maioria de origem banto, souberam articular táticas de evasão das plantações e das senzalas; conceberam estratégias de resistência na forma de quilombos e organizaram comunidades bem estruturadas sob modelos trazidos da África e adaptados ao novo meio e circunstância. O africano de forma alguma ficou parado, obediente e resignado. E nunca é demais enfatizar a República dos Palmares que não foi apenas mais um entre os vários quilombos existentes por toda parte do território, mas consistiu numa organização avançada que integrava muitos quilombos.”

(NASCIMENTO, 1980, p.117)

Análise do trecho de Édison Carneiro - 10 minutos

Para evidenciar como se deu, na prática, a resistência dos quilombos, o professor pode utilizar um trecho do livro O Quilombo dos Palmares, de Édison Carneiro. O recorte destacado relata um dos conflitos entre portugueses e palmarinos, com destaque para a atuação dos quilombolas, que, além de reagirem em sua defesa, conseguiram fugir e despistar os colonizadores. Essa análise permitirá compreender que, embora os indivíduos escravizados estivessem em condição de desvantagem dentro do sistema escravista, houve múltiplas formas de resistência promovidas pelos povos africanos submetidos à escravidão. Recorrentemente, a historiografia

tradicional tende a enfatizar a narrativa da opressão, relegando a segundo plano as múltiplas formas de resistência desenvolvidas por esses sujeitos históricos. Para fomentar a reflexão, o docente poderá instigar os estudantes por meio de questionamentos, tais como:

- *De que maneira o episódio relatado por Édison Carneiro evidencia a organização estratégica e a capacidade de resistência dos quilombolas frente às investidas coloniais?*

O recorte sugerido é esse:

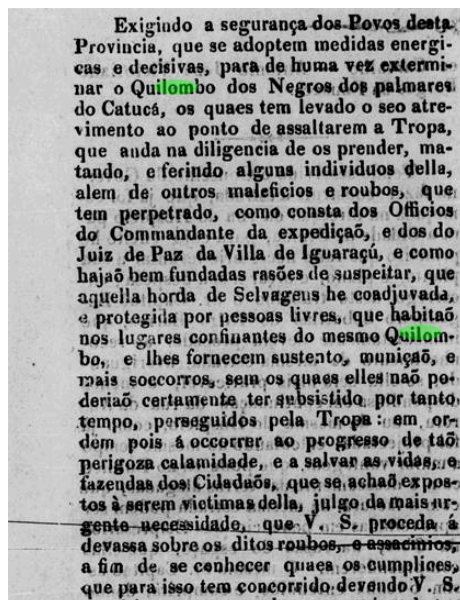
"Logo em seguida (1673), os negros puseram-se em fuga pelos canaviais de Cristóvão Lins, alcaide-mor de Porto Calvo. Esse capitão, em represália, organizou uma entrada que, penetrando o sertão, deu com uma povoação de mais de 700 casas e a atacou. Os negros, entretanto, resistiram bravamente, despejando fogo sobre os homens de Cristóvão Lins com as armas capturadas das ordenanças do capitão Domingos Gonçalo, na entrada anterior. A resistência foi encarniçada, mas não durou muito. Os negros abandonaram as suas fortificações e escaparam para as serras."
(CARNEIRO, 1958, p.103)

Análise do Jornal Diário de Pernambuco - 10 minutos

Para analisar a constante violência vivenciada pelos escravizados nos quilombos, utilizaremos um fragmento do Jornal Diário de Pernambuco, edição de 11 de março de 1829, como base para examinar as descrições dos quilombos sob a ótica dos colonizadores. Espera-se que os estudantes compreendam as narrativas europeizadas, que influenciam a construção do conhecimento sobre a historiografia dos quilombos. A partir dessa análise, o professor pode realizar diversos questionamentos, como as menções e descrições dos quilombos dos Palmares e Catucá, além de observar de que maneira o conteúdo desse documento revela a postura adotada pelo colonizador português diante das formas de resistência empreendidas pelos indivíduos escravizados, especialmente por meio da formação de quilombos.

- *O que o relato do documento narra sobre os quilombos?*

Figura 3: Edição do Diário de Pernambuco - 1829



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033>.

Discussão final com o áudio de Beatriz Nascimento - 10 minutos.

Com o propósito de evidenciar as distintas interpretações das fontes, ressaltando a pluralidade de narrativas sobre um mesmo acontecimento, produzidas por indivíduos inseridos em diferentes contextos históricos e sociais, realizaremos uma análise a partir de uma fala de Beatriz Nascimento, apresentada em formato de áudio. Essa fonte foi convertida do formato de vídeo para áudio. Após a reprodução da narrativa, o professor pode estimular brevemente os estudantes com o seguinte questionamento:

- *Como Beatriz Nascimento descreve os quilombos?*

Dúvidas sobre as fontes e explicação da dinâmica seguinte - 20 minutos.

Após finalizar a exposição das fontes estimulando críticas breves dos estudantes sobre cada fonte, 5 minutos serão destinados para perguntas sobre o que foi apresentado e serão passadas as orientações para a dinâmica do segundo momento da aula onde ocorrerá a divisão de grupos até 4 pessoas para análise coletiva das fontes de forma cruzada. baseando-se nos seguintes questionamentos:

- *Com base nos debates feitos em sala e no texto de Kabengele Munanga, qual a influência da escravidão na formação dos*

quilombos?

- *Com base nos debates dos trechos de Abdias do Nascimento e Édison Carneiro, responda: se a escravidão colocava os escravizados em desvantagem, como eles conquistavam a liberdade?*
- *O documento histórico sobre os quilombos e a fala de Beatriz Nascimento descrevem os quilombo da mesma forma? Justifique sua resposta.*
- *Como essa prática de resistência impactou as sociedades atuais?*

Cruzamentos das fontes - 70 minutos: Após a análise das fontes de forma coletiva e as orientações sobre as perguntas norteadoras da atividade, os estudantes ficarão livres para se organizar em grupos de quatro pessoas, a fim de refletir sobre as informações expostas e as questões levantadas pelo professor. Para fomentar o debate nesse momento de cruzamento das fontes, cada grupo deverá escolher uma das perguntas para responder coletivamente, e as respostas devem ser anotadas no caderno, enquanto o professor deverá circular pela sala, tirando dúvidas e incentivando os estudantes a desenvolverem ao máximo o pensamento crítico sobre a pergunta escolhida.

5ª e 6ª Aula - Histórias que não se apagam!

Explicação sobre a avaliação - 10 minutos

Esta aula será destinada à produção de um relato escrito em grupo, formado por quatro estudantes, baseado nas fontes e nas três primeiras aulas. Nesse sentido, explicaremos que os grupos deverão ser compostos por quatro pessoas, que elaborarão um relato escrito sobre o tema abordado em sala, com base na análise das fontes realizadas durante as aulas. Esse relato deverá ser redigido em uma folha, contendo no mínimo 10 linhas, havendo a possibilidade de os estudantes escreverem mais, caso desejem. Nesse contexto, as perguntas que auxiliarão a criação do relato dialogam diretamente com as questões e discussões das aulas anteriores:

- *Quais as intenções você percebe no discurso das autoridades coloniais presentes no documento histórico? Como isso diverge da narrativa de Beatriz Nascimento?*

- *Como a visão do colonizador presente no documento histórico contribui para a falta de acesso a fontes históricas dos próprios quilombolas?*
- *Se os africanos conquistaram a liberdade por meio da formação dos quilombos, por que, na atualidade, essa temática é pouco discutida? Como obras iguais às de Beatriz Nascimento e Édson Carneiro contribuem para a ênfase dos debates sobre os quilombos na atualidade?*

Avaliação: Essa parte da aula será reservada para a avaliação. A avaliação será realizada por meio da construção de um relato escrito, que será apresentado em sala de aula. Por isso, os alunos serão organizados em grupos de quatro pessoas e, a partir das fontes trabalhadas nas aulas, deverão produzir um relato escrito coletivo sobre o tema da historiografia dos quilombos no Brasil. O relato deverá abordar alguns dos diferentes aspectos discutidos nas fontes: o conceito de quilombo, o quilombo como símbolo de resistência negra, assim como a violência praticada pelos colonizadores. Com base nas fontes, o professor pode sugerir que cada grupo elabore narrativas a partir dos questionamentos norteadores:

- *Você acha que a liberdade conquistada pelos escravizados, através da resistência dos quilombos, garantiu igualdade para seus descendentes?*
- *O documento histórico sobre os quilombos e a fala de Beatriz Nascimento descrevem os quilombo da mesma forma? Justifique sua resposta.*
- *De que maneira o episódio relatado por Édson Carneiro e o documento histórico evidencia a violência e opressões vivenciadas pelos quilombolas?*

Elaboração da narrativa - 40 minutos

Neste momento, os estudantes estarão livres para se reunir em seus respectivos grupos e discutir o tema que irão abordar. O professor deve acompanhar o trabalho, circulando entre os grupos, questionando sobre o andamento das atividades, verificando se há dúvidas em relação ao conteúdo e auxiliando na elaboração da narrativa. Essa narrativa, posteriormente, será apresentada à turma. O objetivo é socializar as narrativas entre os grupos e demonstrar o protagonismo dos estudantes a partir de suas produções, que abordarão os aspectos escolhidos

sobre o tema.

Apresentação dos grupos - 50 minutos

Após a produção escrita sobre os temas selecionados, os estudantes deverão realizar a exposição em sala.

Considerações Finais

Percebemos que a fuga constituiu, à distância, uma das formas mais comuns de resistência à escravidão no Brasil. Essa resistência manifestou-se por meio da existência de comunidades de fugitivos, que eram denominadas de diversas maneiras, como os quilombos. Ao longo da história, a educação tem sido marcada por um caráter reprodutor da desigualdade e da exclusão. A dificuldade de encontrar fontes históricas sobre os quilombos revela a necessidade constante de se estudar a temática pelo viés dos escravizados, com o intuito de desconstruir narrativas eurocêntricas. Esse paradigma é decorrente das inúmeras tentativas de epistemicídio contra as populações escravizadas, fruto da herança colonial brasileira. A luta antirracista no Brasil é resultado desse contexto histórico marcado por diferentes manifestações do racismo, sejam elas explícitas ou simbólicas. Esse cenário evidencia que a discriminação racial não é um fenômeno natural em uma sociedade miscigenada, mas sim uma construção social enraizada. A questão racial possibilitou uma nova perspectiva analítica sobre a posição do negro na sociedade brasileira, destacando a especificidade da experiência negra no país — uma vivência singular que não se replica em nenhuma outra parte do mundo. Nesse ensaio, os alunos são convidados a confrontar narrativas tradicionalmente hegemônicas, que tendem a enfatizar a opressão, sem considerar as diversas formas de resistência e luta pela liberdade dos escravizados. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão histórica dos alunos, mas também os instiga a refletir sobre o legado desse passado em suas vidas atuais e a reconhecer o papel ativo que podem desempenhar na luta por igualdade e justiça social. Além disso, abordar essa temática requer a participação ativa de toda a sociedade, com ênfase no papel dos educadores. Isso implica reconhecer a educação como um elemento

fundamental no processo de desconstrução da estrutura racista que, em grande medida, continua a subjugar, sob novas formas, aqueles que resistiram e desafiaram o sistema escravista. O estímulo à produção de narrativas próprias permite que os alunos se reconheçam como protagonistas do conhecimento histórico, promovendo uma educação que transcende a simples transmissão de informações. Em vez de aprender apenas sobre os quilombos como espaços de refúgio e resistência, os estudantes têm a oportunidade de se apropriar desse conhecimento para transformar suas percepções sobre a história das populações indígenas, africanas e afro-brasileiras. Assim, essa proposta pedagógica se configura como um passo essencial rumo à valorização da memória histórica dos quilombos, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade detentora de senso crítico.

Referências

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- BOULOS, Alfredo. História Sociedade & Cidadania: 7 ano. São Paulo: FTD, 2022. v. 1. Disponível em: https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000070083p240100208040_cara_b85792d672bc3a. Acesso em: 6 abr. 2025.
- BEATRIZ Nascimento - Conceito de Quilombo. YOUTUBE, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qhrMyqzih7k>. Acesso em: 2 maio 2025.
- CARNEIRO, Edison O quilombo dos Palmares/4. ed, fac-similar. p. 30-65/80-110. São Paulo: Editora Nacional, 1958.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Diário de Pernambuco, 1825- . Diária. Fundado por: Antônio José de Miranda Falcão, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033>. Acesso em: 3 mai. 2025.
- Localização: Publicações Seriadas - per029033
- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 28, p. 56–63, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>.. Acesso em: 6 abr. 2025.
- NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. p. 33-40 São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.

Disponível em: O-QUILOMBISMO-Abdias-Do-Nascimento.pdf. Acesso em: 02/05/2025.

O PATRIOTA: jornal litterario, politico, mercantil, do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: na Impressao Regia, 1813-1814. Mensal. Epigrafe: "Eu desta gloria so fico contente Que minha terra amei e a minha gente", Ferreira, p.48. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=700177>. Acesso em: 4 mai. 2025.

Localização: Publicações Seriadas Raras - PR-SOR 00024 [1-3]

ANEXOS

Figura 1: Fonte: SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidon de Souza (org.). Negras imagens: ensaios sobre a cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Edusp, 1996. p. 26;

Figura 2: DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Diário de Pernambuco, 1829- . Diária. Fundado por: Antonio José de Miranda Falcão. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033>. Acesso em: 3 mai. 2025. Localização: Publicações Seriadas - per029033

Figura 3: O PATRIOTA: jornal litterario, politico, mercantil, do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: na Impressao Regia, 1813-1814. Mensal. Epigrafe: "Eu desta gloria so fico contente Que minha terra amei e a minha gente", Ferreira, p.48. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=700177>. Acesso em: 4 mai. 2025.

Localização: Publicações Seriadas Raras - PR-SOR 00024 [1-3]

Quilombos mais conhecidos (séculos XVII a XIX)



▲ Muitos dos quilombos que aparecem no mapa ainda não foram estudados. Existiram quilombos por todo o território brasileiro, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas. Uns pequenos (20 ou 30 habitantes), outros grandes (com milhares de habitantes). O mais famoso deles foi o Quilombo dos Palmares.

Fonte: SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidon de Souza (org.). *Negras Imagens: ensaios sobre a cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 26.

Exigindo a segurança dos Povos desta Província, que se adoptem medidas energicas e decisivas, para de huma vez exterminar o Quilombo dos Negros dos palmares do Catucá, os quaes tem levado o seo atrevimento ao ponto de assaltarem a Tropa, que anda na diligencia de os prender, matando, e ferindo alguns individuos della, alem de outros maleficios e roubos, que tem perpetrado, como consta dos Officios do Commandante da expedição, e dos do Juiz de Paz da Villa de Iguaçu, e como hajaõ bem fundadas razões de suspeitar, que aquella horda de Selvagens he coadjuvada, e protegida por pessoas livres, que habitaõ nos lugares confinantes do mesmo Quilombo, e lhes fornecem sustento, municação, e mais soccorros, sem os quaes elles não poderiam certamente ter subsistido por tanto tempo, perseguidos pela Tropa: em ordem pois á occorrer ao progresso de tão perigosa calamidade, e a salvar as vidas, e fazendas dos Cidadãos, que se achão expostos à serem victimas della, julgo da mais urgente necessidade, que V. S. proceda á devassa sobre os ditos roubos, e assassinios, a fim de se conhecer quaes os cúmplices, que para isso tem concorrido devendo V. S. requisitar os testemunhos presentes de tu

Cinco leguas antes de chegar às Torres, entra na margem Oriental do Guaporé, o rio Quariteré, ou Piolho, que tomou este nome de hum grande Quilombo de escravos fugidos assim chamado, que Luiz Pinto de Souza Coutinho mandou destruir no tempo do seu governo, aprehendendo-se então muitos escravos. A mesma diligencia se repetiu em 1795, governando João de Albuquerque, por constar que o resto daquelle Quilombo se havia allí novamente estabelecido; e com effeito se acharam 54 pessoas, que vierão para Villa Bella; isto he 6 negros já muito velhos, que servirão de Pa-

triarchas deste escondido povo; 8 Indios, e 19 Indias, sendo destes 27 individuos, 10 nascidos naquelle Quilombo, de idade de 3 até 15 annos; e 21 robustos caborés, 10 rapazes, e 11 femeas, de idade de 2 até 16 annos, filhos daquelles, e de outros já fallecidos negros, e de Indias. E como